



Povo de Santo e Asê

ATOTO
AJUBERO

DEZEMBRO, MAIO

HORÓSCOPO DE

ORISÁS REGENTES

2024

POR PAI JOMAR D'OGÚN





casa de **OGUN** **Nº1**

EM COMÉRCIO DE PRODUTOS DE
**CANDOMBLÉ,
UMBANDA E
ESOTÉRICOS**

www.casadeogunlojaonline.com

ALAMEDA GUERRA JUNQUEIRO, 34 | LARANJEIRO | 2810-072 ALMADA
TEL: 21 259 54 08 | TM: 96 634 00 55 | casadeogun@gmail.com
PERTO DO BANCO MILLENNIUM, BANIF E ESTAÇÃO DE METRO S. GEDEÃO



EDITORIAL

Não é incomum, ouvirmos dizer algumas vezes por algumas pessoas do santo, sobretudo referentes ao candomblé, a seguinte expressão:

“cada um mexe a sua panela com a colher que quer e gosta”.

Isto para justificar algum “preceito” desconhecido até então por outros.

Em parte, estou perfeitamente de acordo, até porque cada um, isto é: cada grupo pertence a uma determinada raiz, “nação”, que outro grupo não pertence.

Mas de forma alguma, pode ser desculpa para se fazer e inventar o que se quer, porque simplesmente aquela pessoa ou pessoas, não passaram e nem são o que se dizem ser... Infelizmente, temos muita gente adentrar em terreiros de candomblé, só para “pisar o olho” a possíveis fundamentos, mais ou menos desprotegidos por quem os devia proteger: os Babalorisás/Yalorisás ; Pais / Mães de santo.

A fé é primordial, é necessária, mas não é só isso que faz um Pai ou Mãe de Santo.

Nós vamos continuar, assim Olorun (Deus), nos ajude.

O Director
Dr. José Pinto



FICHA TÉCNICA: Povo de Santo e Asè

Propriedade de: Lendas & Cultos

Morada: Rua Qta. das Padeiras - Viv. S. Jorge, nº 10
2815-795 Sobreda da Caparica - Almada

NIF: 508 573 025

Nº Registo na E.R.C: 125412

Depósito Legal: 280080108

Director: J. Pinto, (Ogun)

Director Adjunto: P. Fialho, (Yemanjá)

Sede de Redacção:

Rua Qta. das Padeiras - Viv. S. Jorge, nº 10
2815-795 Sobreda da Caparica - Almada

Periodicidade: Semestral

Coordenador Gráfico: Rui Toscano, (Logun Odé)

Redacção: Miguel Dinis, (Ogun)

Comercial: Lúcia Marques, (Osun) 96 221 17 62

Representante legal na Bahia / Brasil:

Aristides de Oliveira Mascarenhas (Osálá Osaguian)

Tel: 21 294 06 84 **Fax:** 21 295 17 43 **TM:** 96 275 40 40

E mail: povosantoease@gmail.com



Notas:

1. Toda a imagem e conteúdos dos anúncios publicados nesta revista, são da exclusiva responsabilidade dos respectivos anunciantes;
2. A redacção desta revista está elaborada segundo o novo acordo ortográfico.

SUMÁRIO

Documentário Informativo

4

Omulu

5

Orisás Regentes 2024

9

O Acarajé de Oyá

11

Lavagem de Santo António 2023

13

Espiritualidade Ecuménica

19

Página dedicada à Umbanda

21

Saída de Yáô

24

Saída de Yáô

26

Previsões Astrológicas

28

Viva Alégre Coma Saudável

30

A Cabaça

31

Picão da Praia

33

Deburù, Pipoca: A Flor do Velho

35



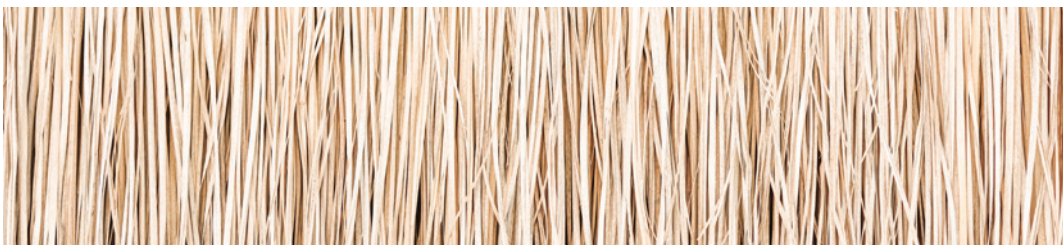
A PALHA DA COSTA

Palha-da-costa é a fibra de ráfia, conhecida como ìko pelo "povo-do-santo", extraída de uma palmeira chamada Igí-Ògòrò pelo povo africano. O seu uso é indispensável na iniciação feita de santo no sentido de proteger a vulnerabilidade dos neófitos.

Outras finalidades: Esta mesma palha trançada com espessura de um dedo mindinho e comprimen-

to de um metro, chama-se Ikan, popularmente chamado de "contra-egun" pelos leigos e até mesmo pelo povo de santo.

Geralmente amarrado nos braços e cintura dos iniciados, com a finalidade de afastar as energias negativa e espírito malévolos, impedindo a incorporação de egun.



Carla Santos
Mestre de Reiki

Marcacão de Tratamentos
919 407 003 • carla.santos2@sapo.pt
www.facebook.com/Reiki.SPA.Alma/



OMULU



A sua “arma” ou “emblema” é o o Sasará, espécie de ceptro de mão feito de nervuras de palha da costa, enfeitado com búzios e contas. Com ele, capta as energias negativas, tanto das coisas como das pessoas, sejam doenças, impurezas ou males espirituais. Isto mostra-mos a sua ligação à terra, ao tronco e ao ramo das árvores, transportando assim o Asé.

A sua vestimenta é feita de palha da costa e é um elemento de grande significado ritual, principalmente em ritos ligados à morte ao sobrenatural.

Omulu é o senhor da vida e da morte.

Está ligado à saúde. Medico dos pobres, que preside à morte. Defesa contra os maus espíri-

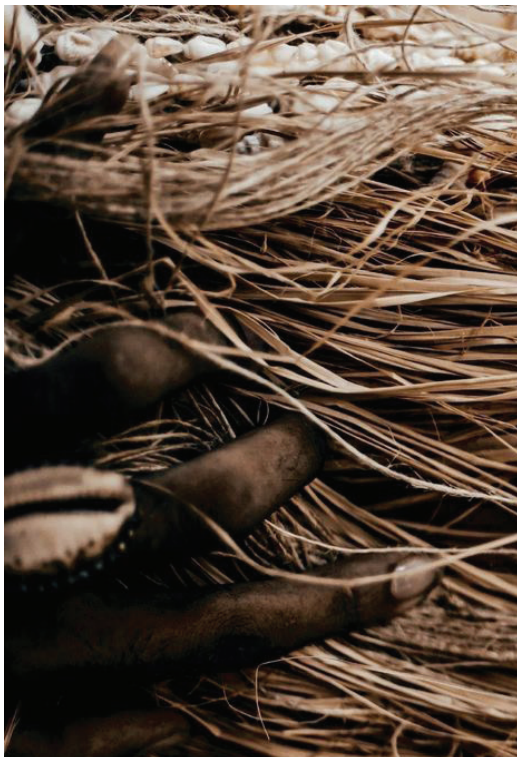
tos. O seu trabalho é: realizar e eliminar; tirar e dar fim ao que não serve mais; de acção muito lenta e prudente.

Orisà polémico, pela falta de conhecimento que as pessoas têm ao avaliar o conhecimento dos segredos divinos que possui. Senhor do maior segredo, o poder sobre a saúde, a vida, miséria e morte.

É o “Avô”, aquele que vai à frente mostrando o caminho, mostrando a luz, mas que nem sempre é seguido. Muito respeitado, é também temido por o considerarem um justiceiro implacável.

Qualidades:

Intoto, Xapana, Jagun, Segi, Azuani, etc...



As lendas, mais do que contarem factos, têm sobretudo a particularidade de nos transmitirem o conhecimento de uma determinada energia. É também nas lendas que percebemos o porquê de algumas formas de estar e de ser dos filhos de um determinado Orixá; da sua forma de se relacionar com os outros, com as coisas, situações com o mundo...

Personalidade dos filhos de Omulu:

São pessoas deprimidas, capazes de desanimar qualquer um. Aham que nada vai dar certo, que nada está bem. Possuem mania de velho com a “rabugice”. Gostam da ordem. São do tipo de que não leva desaforo para casa. Podem apresentar doenças de pele, marcas no rosto. Adoram irritar os outros.

São amargos, vingativos; mas possuem enormes qualidades e não são poucas.

São prestativos, trabalhadores e amigos de verdade. Têm sorte ao jogo, são observadores, misteriosos, sábios, pensativos, reservados e introspectivos. Na sua parte mais negativa, por vezes, podem “secar” com o olhar.

Dia da semana: Segunda-feira

Pedra: Ónix e Topázio

Cores: Branco e Preto ou Preto, Branco e Vermelho

Comidas: Doburu, etc...

Símbolos: Sasará

Elementos: Terra

Flores: Zínias brancas, etc...

Animal: Cão

Saudação: Atoto Ajubero!

Sincretismo: São Lázaro

Olodumarê, um dia decidiu distribuir os seus bens. Disse aos filhos que se reunissem e que eles mesmos repartissem entre si as riquezas do mundo. Ogum, Exú, Orixá Oco, Xangô, Omulu e os outros Orixás deveriam dividir os poderes e mistérios sobre as coisas na Terra.

Num dia em que Omulu estava ausente, os demais reuniram-se e fizeram a partilha, dividindo todos os poderes entre si, não deixando nada de valor para Omulu. Um ficou com o trovão, o outro recebeu as matas, outro quis os metais, outro recebeu o mar. Escolheram o ouro, o raio, o arco-íris; levaram a chuva, os campos cultivados, os rios.

Tudo foi distribuído, cada coisa com os seus segredos, cada riqueza com o seu mistério. A única coisa que se ficou sem dono, desprezada, foi a peste. Ao voltar, nada encontrou Omulu para si, a não ser a peste, que ninguém quisera.

Omulu tomou conta do que sobrou, mas não se conformou com o golpe dos irmãos. Foi procurar Orunmilá, que lhe ensinou a fazer sacrifícios, para que o seu enfeitado poder fosse maior que o do outros. Omulu fez sacrifícios e aguardou.

Um dia, uma doença muito contagiosa começou a espalhar-se pelo mundo. Era a varíola. O povo, desesperado, fazia sacrifícios para todos o Orixás, mas nenhum deles podia ajudar. A varíola não poupava ninguém, ceifando todas as vidas. Cida-

des, vilas e povoados ficavam vazios, já não havia espaço nos cemitérios para tantos mortos. O povo foi consultar Orunmilá para saber o que fazer. Este explicou que a epidemia acontecia porque Omulu estava revoltado, por ter sido passado para trás pelos irmãos. Orunmilá mandou fazer oferendas para Omulu. Só o Grande Orixá poderia ajudar a conter a varíola, pois só ele tinha o poder sobre as pestes e só ele sabia os segredos das doenças.

Tinha sido essa a sua única herança. Todos pediram protecção a Omulu e sacrifícios foram realizados em sua homenagem. A epidemia foi vencida. Omulu então passou a ser respeitado por todos. O seu poder era infinito, o maior de todos os poderes. Esta foi mais uma vitória do senhor da vida e da morte, pois enquanto bebé, Omulu foi salvo por lemanjá quando sua mãe, Nanã Buruku, ao vê-lo doente, coberto de chagas, purulento, o abandonou numa gruta perto da praia. lemanjá recolheu Omulu lavando-o depois com a água do mar, fazendo com que o sal da água secasse as suas feridas, Omulu tornou-se um homem vigoroso, mas ainda

marcado pelas cicatrizes, as marcas feias da varíola. lemanjá teceu-lhe uma roupa toda de palha da costa, e com ela Omulu escondia as marcas das suas doenças., Orixá poderoso mas que continuava sendo um homem pobre.

lemanjá não se conformava com a pobreza do filho adotivo e pensou: "Sei que lhe dei a cura, a saúde, mas não posso deixar que seja para sempre um homem pobre". lemanjá era a dona da pesca, dona dos peixes, dos polvos, dos caramujos, das conchas, dos corais, tudo aquilo que dava vida ao oceano pertencia à sua mãe Olocum, que tudo partilhava com lemanjá, incluindo uma grande riqueza: as pérolas, que as ostras fabricavam para lhe ofertar.

lemanjá, muito contente com a sua ideia, chamou Omulu e disse-lhe: "De hoje em diante, és tu quem cuidas das pérolas do mar. Serás assim chamado de Jeholu, o Senhor das Pérolas". Por isso as pérolas pertencem a Omulu, por baixo de sua roupa de ráfia, enfeitando seu corpo marcado de chagas, Omulu ostenta colares e mais colares de pérola, belíssimos colares.





QUARTINHAS DE BARRO

Quartinha é um pequeno pote, geralmente de barro, no qual se deposita água sagrada, água purificada ao Orixá e que fica ao lado do assentamento. O barro da quartinha, assim como o nosso corpo, "transpira" e é por isso que as quartinhas devem ser sempre de barro pois permitem que a água do seu interior evapore. Deve-se no entanto ter um cuidado constante para que a quartinha não seque por completo, pois ela representa um ser vivo e o cuidado que temos com o Orixá.

Em África, todas as eram feitas em barro; no entanto as escravas, quando em solo Brasileiro, encantaram-se com as porcelanas das "sinhas" e começaram a utilizar a porcelana, nos assentamentos dos Orixás femininos. Porém as quartinhas de porcelana, louça, latão, metal, fazem com que a água fique estagnada e não evapore. Com o passar dos séculos, tradicionalmente ficou estipulado que os Orixás masculi-

nos, possuiriam quartinhas de barro e os Orixás femininos, assim como Oxalá, tanto Oxalufan, como Oxaguiã, poderiam usarem quartinhas de porcelana.

A quartinha representa a respiração da divindade, então quando a divindade necessita dessa respiração, há o ciclo de evaporação da água através dos poros do barro. Aos Orixás masculinos são oferecidos quartinhas de barro sem alça, aos Orixás femininos são oferecidos quartinhas normalmente de louça ou mesmo de barro com alça.

As quartinhas também são chamadas de Bunsanguê, Eni, Amoré e outros, dependendo da nação. Colocar quartinha de louça aos pés da divindade, não é uma prática do Candomblé antigo, porque na África não se produz louça. Todos os utensílios ligados ao culto das divindades são feitos na sua maioria de barro e quando não são feitos de barro, é usado terracota ou argila.



Conforme escrevi na revista que iniciou este ano em que ainda estamos (2023), (porque escrevo sempre sobre os Orisás regentes em Outubro/Novembro), dizia eu na altura, que pedíamos aos Orisás regentes que nos ajudassem na “montanha-russa” em que nós iamos nos encontrar ... e realmente cá estamos: numa atmosfera deplorável de guerras, onde impera a ganância, o poder pelo poder, a conquista desmesurada não só de territórios propriamente ditos, bem como de valores que deveriam caracterizar-nos pela positiva. A humanidade chegou a um ponto que é justo interrogarmo-nos, onde está o valor da vida humana?! Da vida, no seu geral...?! Vivemos numa sociedade, onde os loucos conseguiram ser “espertos”, ao ponto de deterem armas, benefícios, táticas estratégicas, dinheiro

à custa muitas vezes da vida desumana, que seres nossos irmãos vivem; melhor: sobrevivem! Acreditando que usando como estão a usar isto mesmo, aniquilando os que acreditam na liberdade, no bem-estar, no melhor que o ser humano tem (o que resta dele), não contribuirá para a sua própria degradação e destruição. Depois também nas nossas vidas privadas: nos desgastes das relações sejam elas familiares, de amizade, de trabalho e lazer... fruto também do que atrás se disse. Onde a desconfiança impera nos mais pequenos gestos, mesmo que sejam de boa vontade e de franca solidariedade. Parece que estamos a entrar num beco sem saída. Digo “parece”, porque somos pessoas de fé; muita fé. Devemos contribuir cada um no seu lugar e em conjunto enquanto povo de

Orisás Regentes 2024

um país, povo de um continente, povo de um mundo global, fazendo o nosso melhor: melhores escolhas, mais atitudes; menos retórica e mais concretizações. A nossa vida, é produto de causas, efeitos. Portanto em cada cálculo mal calculado... poderemos “suicidar-nos”. Os extremos, sejam eles em questão de simples opiniões, de grandes tratados, ou mesmo de escolhas político-partidárias, nunca foram nem nunca serão bons conselheiros, nunca produzirão bons frutos.

Precisamos de colocar o nosso ego no seu lugar.

Agora, há remédio?! Pode ser lento, mas há! Além de sermos pessoas de boa vontade, somos pessoas de fé. Neste ano que se aproxima (2024), é um ano em que relações “perdidas”

ou “beliscadas” se podem restaurar. Sejam elas pessoais, comunitárias ou internacionais.

Também na saúde existirão progressos em algumas doenças conhecidas...

Para tal, temos Pai Obaluaye Orisá de paciência justa, que tudo cura. Que sabe colocar cada coisa no seu lugar... sabe ensinar como ninguém ao homem, a pisar o chão por onde caminha; que reata o que é necessário, com a paciência de quem sabe ver mais longe. Afinal, o amago da terra é Dele!!!

Depois, temos a Bela Mãe Iansã que com a sua ventania, a sua impetuosidade, o seu aqui e agora, dá força e alegria, onde a esperança já não fazia morada.

Ela, que consome tudo o que deve cair e deixa em pé somente a verdade.



FENACAB
(ANACAB)
FEDERAÇÃO NACIONAL DO CULTO AFRO-BRASILEIRO - COORDENAÇÃO DE PORTUGAL

SEDE: Rua Qta das Padeiras, Viv. S. Jorge, Nº 10 | 2810-795 Sobreda da Caparica | Almada | PORTUGAL
Tel: 21 294 06 84 | TM: 96 275 40 40 | Fax: 21 295 17 43
e-mail: geral@fenacab-coordenacao-internacional-portugal.com | www.fenacab-coordenacao-internacional-portugal.com



O ACARAJÉ DE ÓYA

O acarajé dos Yorubás da África Ocidental que deu origem ao brasileiro é por sua vez semelhante ao Falafel árabe inventado no Oriente Médio .

Oyá é Orixá dos ventos e das tempestades, Senhora dos raios e dona da alma dos mortos. A esta Senhora são oferecidos os bolinhos feitos de feijão fradinho e fritos no azeite de dendê: o acarajé. Segundo a lenda, a Orixá dos ventos, mulher de Xangô, foi a casa de Ifá, buscar um preparado para seu marido. Ifá entregou o encantamento e recomendou que quando Xangô comesse fosse falar para o povo. Oyá desconfiou e provou o alimento antes de entregá-lo ao marido. Nada aconteceu. Quando chegou em casa entregou o preparado ao marido, lembrando o que Ifá dissera. Xangô comeu e quando foi falar ao povo, começaram a sair labaredas de fogo da sua boca. Oyá ficou aflita e correu para ajudar o marido gritando Kawô Kabiesilé. Foi então que as labaredas começaram a sair da sua boca também.

Diante do ocorrido o povo começou a saudá-

los: Obá anlá Òyó até babá Inà, ou seja, Grande Rei de Oyó, Pai do Fogo. Essa história explica o nome do acarajé, que vem do yorubá akàrà (bola de fogo) e jè (comer).

O escritor Manuel Querino em A arte culinária na Bahia, de 1916, conta, na primeira descrição sobre o acarajé, que “no início, o feijão fradinho era ralado na pedra, de 50 cm de comprimento por 23 de largura, tendo cerca de 10 cm de altura. A face plana, em vez de lisa, era ligeiramente picada por canteiro, de modo a torná-la porosa ou crespa. Um rolo de forma cilíndrica, impelido para frente e para trás, sobre a pedra, triturava facilmente o milho, o feijão, o arroz”.

O acarajé dos Yorubás da África Ocidental (Togo, Benin, Nigéria, Camarões) que deu origem ao brasileiro é por sua vez semelhante ao Falafel árabe inventado no Oriente Médio. Os árabes levaram essa iguaria para a África nas diversas incursões entre os séculos VII a XIX. As favas secas e grão de bico do Falafel foram alternados pelo feijão-fradinho em África.

O Acarajé de Óya

Mesmo ao ser vendido num contexto profano, o acarajé ainda é considerado, uma comida sagrada. Por isso, a sua receita, embora não seja secreta, não pode ser modificada e deve ser preparada apenas pelos filhos-de-santo. O acarajé oferecido ao Orixá Oyá é ornado com nove ou sete camarões defumados, simbolizando “mensan orum” nove Planetas. O acará de Xangô tem uma forma ovalar imitando o cágado que é seu animal preferido. O acarajé também é um prato típico da culinária baiana e um dos principais produtos vendidos no tabuleiro da baiana e são mais carregados no tempero e mais saborosos, diferentes de quando feitos para o Orixá.

A forma de preparo é praticamente a mesma, a diferença está no modo de ser servido: ele pode ser cortado ao meio e recheado com vatapá, caruru, camarão refogado, pimenta e salada de tomates verde e vermelho com coentro. Há uma certa similaridade do acarajé com o abará. A diferença está na maneira de cozer. O acarajé é frito, ao passo que o abará é cozido no vapor.



Babalórisá

Pai de Santo de Candomblé Ketú

Jomar d'Ògún

Primeiro Coordenador internacional da FENACAB

Balogùn do Candomblé Ketu

Agabà do Ilé Ase Opo Alaketu Omin Ògún, um dos mais antigos e conceituados Terreiros de Candomblé em Portugal

Consultas de Buzios

Atendimento com toda a seriedade, honestidade e sigilo.

Saiba qual o seu Orisá e conheça melhor o porquê de tantas coisas na sua vida!

96 275 40 40



93 213 11 76

pai.jomar@hotmail.com

www.facebook.com/pai.jomar

0 LAVAGEM DE SANTO ANTÓNIO 2023



De 14 a 17 de setembro do ano de 2023, ocorreu em Portugal um evento inter-religioso e ecumênico, que foi a segunda edição da lavagem de Santo António. Este evento evoca a lavagem das escadas do Senhor do Bonfim da Baía. A festa é marcada também pela pre-

sença no adro da igreja por baianas, vestidas a rigor, ao ritmo de sons e cânticos. Este ritual tem origem nos preparativos para a festa do Senhor do Bonfim, realizados por pessoas escravizadas, que lavavam e ornamentavam a igreja. Em França, já há vinte anos que se rea-



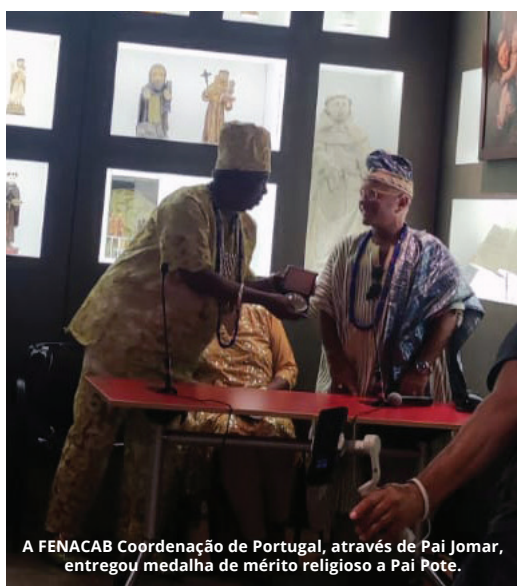
Lavagem de Santo António 2023



Sincretismo religioso analisado por Pai Jomar, acompanhado por: Dra. Maria Andreza (Egbomi) , Pai Pote, Pai Robson d' Osagyan, Pai Okonibá e Pai Paulo d' Yemanjá

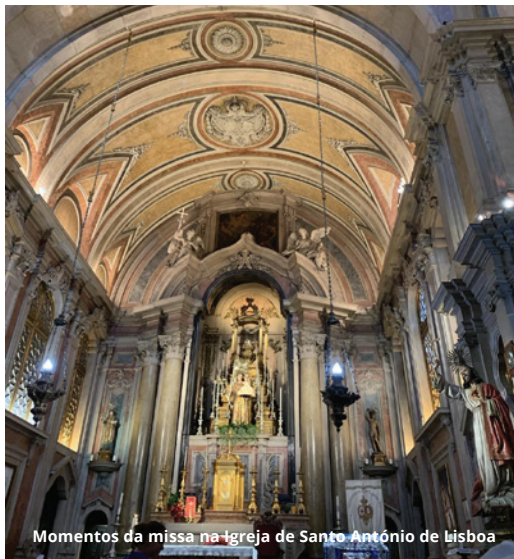
liza também a lavagem das escadas de La Madeleine. Esta iniciativa foi executada pela AYO, Associação de Arte & Cultura Brasileira, e ainda Márcia Damasceno Produções e eventos, com o apoio da Camara Municipal de Lisboa, junta de freguesia de Santa Maria Maior e Museu de Santo António de Lisboa, bem como pela própria Igreja de Santo António, não esquecendo o inestimável Frei Jorge Marques, reitor da Igreja de Santo António de Lisboa. Esta ação não ficou por aqui, porque tudo e todos, foram bem “ecuménicos”, na verdadeira acepção da palavra. Por parte do museu, tivemos os funda-

mentais e valiosos apoios da Dra. Joana Sousa Monteiro – diretora do museu; do Dr. Pedro Teotónio – coordenador do museu de Santo António; de toda a equipa do museu: Sra. Leonor Padinha, Sra. Leonor Alvim, Sr. Luís Freitas, Sra. Paula Cardoso, Sra. Raquel Cipriano e Sr. Hugo Henriques. Agradecemos ainda especialmente à secretaria da cultura da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, na pessoa de Sra. Rute Reimão e Dra. Stela Moraes, da Divisão de Assuntos Culturais da Camara Municipal de Lisboa. Também a FENACAB (Federação Nacional dos Culto Afro Brasileiro) Coordenação



A FENACAB Coordenação de Portugal, através de Pai Jomar, entregou medalha de mérito religioso a Pai Pote.





Momentos da missa na Igreja de Santo António de Lisboa



Internacional de Portugal/ ANACAB deu o seu apoio a este evento, culminando com a entrega da medalha de mérito a Pai Pote, pelo seu coordenador, Pai Jomar, pelos serviços prestados ao Candomblé. Sem este modo de saber receber, de saber dar a mão a quem poderá ser diferente, a quem pensa e reza diferente, nada seria possível! É verdade que televisões do Brasil cá estiveram a fazer a cobertura que acharam que deveriam fazer... ficando segundo a nossa visão, matéria muito importante que não teve o destaque merecido. Por este motivo, queremos colmatar esta “falha”, pois

tanto a cultura Baiana como a sua religiosidade merecem este reparo. Tanto mais, que indiscutivelmente toda a organização, sobretudo no que se refere à parte religiosa, à confeção dos alimentos, ao seu transporte, teve o apoio incondicional do Terreiro de Candomblé de Portugal: Ilé Asè Opo Alaketu Omin Ogun, situação nunca em caso algum referenciada publicamente pelos diversos intervenientes. Salienciamos ainda o apoio dado na conferencia realizada no museu de Santo António, sobre a parte ecuménica e sincretismo, a cargo de Pai Jomar, Babalorisá Português, acompanhado





por Pai Pote, Babalorisá Baiano, Dra. Maria Andreza, Egbomi do Candomblé e advogada, Pai Paulo de Iemanjá, Pai de Santo português, Pai Robson d' Òsagyan, Pai de santo em Portugal e Pai Okonibá, Pai de Santo português. Se é muito verdade que se pretende dar a conhecer a cultura e religiosidade brasileira, hoje em dia e sobretudo em determinados países fora do Brasil, nomeadamente em Portugal, já não é mais possível esquecer o contributo impor-

tante e religioso que as comunidades religiosas dos cultos afro brasileiros desses países, tem neste tipo de eventos. É uma comunidade religiosa em franca expansão e não é possível fazer de conta que “não se passa nada”. Orixá sopra de onde quer e vai para onde quer! Ninguém é dono do Orixá; e nós, pessoas dos cultos afro brasileiros somos aqueles que em qualquer momento jamais poderemos segregar, termos tiques xenófobos e outros... isso



Lavagem de Santo António 2023

não é nosso. Foi lindo de se ver para além das baianas propriamente ditas, ver também portuguesas e portugueses trajando do mesmo modo, comungando a mesma realidade. Lindo as várias casas de candomblé e umbanda que participaram com a alegria própria de quem é do santo!!! Nós estamos no Candomblé para somar sempre, com todos. De certa forma e por outras palavras, dentro do contexto que foi proposto no sincretismo de Santo António com Ogun, foi isto que atrás se disse, que se pretendeu passar, na perfeita harmonia de todos os elementos a mesa. O culminar com uma missa onde a participação de muitos e de um modo especial dos filhos de santo (Egbomis, Ogans,





Ekedis, Yaos e abians) trajados com roupa de candomblé, foi sem dúvida um marco importante religioso neste evento. Depois, a própria lavagem das escadas foi um marco de alegria e de tudo aquilo, o que espiritualmente nos une. Fiquei feliz quando vi os nossos atabaques tocarem na Igreja de Santo António de Lisboa. Estou mais uma vez feliz, porque acredito que a unidade nas devidas diferenças é possível. Por tudo isto, se é verdade que às manifestações foram chamadas de afro brasileiras em Portugal... e sem preconceitos ideológicos, bem que se podiam e deviam chamar, luso afro brasileiras.

Pai Jomar





SACRIFÍCIOS LEVÍTICOS

O sistema sacrificial insere-se ao tema central do livro de Levítico, terceiro livro da Bíblia Hebraica, efetivar as circunstâncias necessárias para estabelecer e manter a presença de Deus entre os israelitas. Havia dois tipos de ofertas. As ofertas voluntárias eram destinadas a um contínuo culto da presença divina no meio do povo de Israel. Já as ofertas de purificação e reparação no sistema sacrificial levítico remediavam as impurezas rituais físicas que não podiam ser removidas apenas por abluções, bem como violações relativamente menores dos mandamentos divinos.

No sete primeiros capítulos do livro de Levítico, existem cinco tipos de sacrifícios descritos conforme o propósito de suas ofertas.

Cada tipo de sacrifício seguia um processo específico que se correlacionava com sua função distinta. Exceto a oferta de reparação que exigia reparação prévia não sacrificial, um parâmetro repete-se nos sacrifícios levíticos: carne queimada ou consumida parcialmente; o sangue passado às pontas do altar. As ofertas não animais de grãos, bebidas e incenso, consequentemente eram sem sangue nem carne.

O sacrifício pelos pecados do Grande Sacerdote 4 O Senhor Deus mandou que Moisés 2 dissesse aos israelitas o que deveria fazer a pessoa que, sem querer, quebrasse uma das leis do Senhor e fizesse o que é proibido.

3 Se o Grande Sacerdote cometer um pecado, tornando assim o povo culpado, ele, para tirar o pecado, oferecerá a Deus, o Senhor, um touro novo sem defeito. 4 Ele levará o animal até a entrada da Tenda Sagrada, porá a mão na cabeça do animal e o matará ali na presença do Senhor. 5 Em seguida pegará uma parte do sangue do animal e a levará para dentro da Tenda. 6 Ali ele molhará um dedo no sangue e na presença do Senhor borrifará o sangue sete vezes em frente da cortina do Lugar Santo. 7 Depois, ainda na presença do Senhor, ele porá um pouco do sangue nas pontas do altar que está dentro da Tenda, onde o incenso sagrado é queimado. O resto do sangue ele derramará na base do altar onde os sacrifícios são queimados, em frente da Tenda. 8 O sacerdote tirará toda a gordura do animal, isto é, a gordura dos miúdos, 9 os dois rins e a gordura que os cobre e também a melhor parte do fígado, que ele tirará junto com os rins, 10 do mesmo jeito que se tira tudo isso do touro sacrificado como uma oferta de paz. E o sacerdote queimará tudo no altar de ofertas queimadas. 11 Mas ele pegará o couro do animal, a carne toda, a cabeça, as pernas, os miúdos e também os intestinos, 12 e os levará para fora do acampamento, até um lugar puro, onde são jogadas as cinzas, e ali queimará o animal todo

em cima da lenha.

O sacrifício pelos pecados do povo

13 Pode acontecer que o povo todo, sem querer, quebre uma das leis de Deus, o Senhor, fazendo o que é proibido. Nesse caso, se forem culpados, sem saber que pecaram, 14 logo que reconhecerem que pecaram, levarão um touro novo para oferecer em sacrifício a fim de tirar o pecado e o apresentarão em frente da Tenda Sagrada. 15 Ali, na presença do Senhor, os líderes porão as mãos na cabeça do animal e o matará. 16 Depois o Grande Sacerdote levará uma parte do sangue do animal para dentro da Tenda. 17 Ele molhará o dedo no sangue e na presença do Senhor borrifará o sangue sete vezes em frente da cortina, no Lugar Santo. 18 Depois, ainda na presença do Senhor, ele porá um pouco do sangue nas pontas do altar que está dentro da Tenda; o resto do sangue ele derramará na base do altar onde os sacrifícios são queimados, em frente da Tenda. 19 Em seguida ele tirará toda a gordura do animal, e queimará essa gordura no altar, 20 e fará com esse animal o mesmo que fez com aquele que ele ofereceu para tirar o seu próprio pecado. O sacerdote oferecerá esse sacrifício para conseguir o perdão de pecados, e o povo será perdoado. 21 Por fim, como fez com o outro touro novo, o sacerdote levará esse touro novo para fora do acampamento e o queimará. Essa é a oferta para tirar o pecado do povo.

O sacrifício pelo pecado de uma autoridade

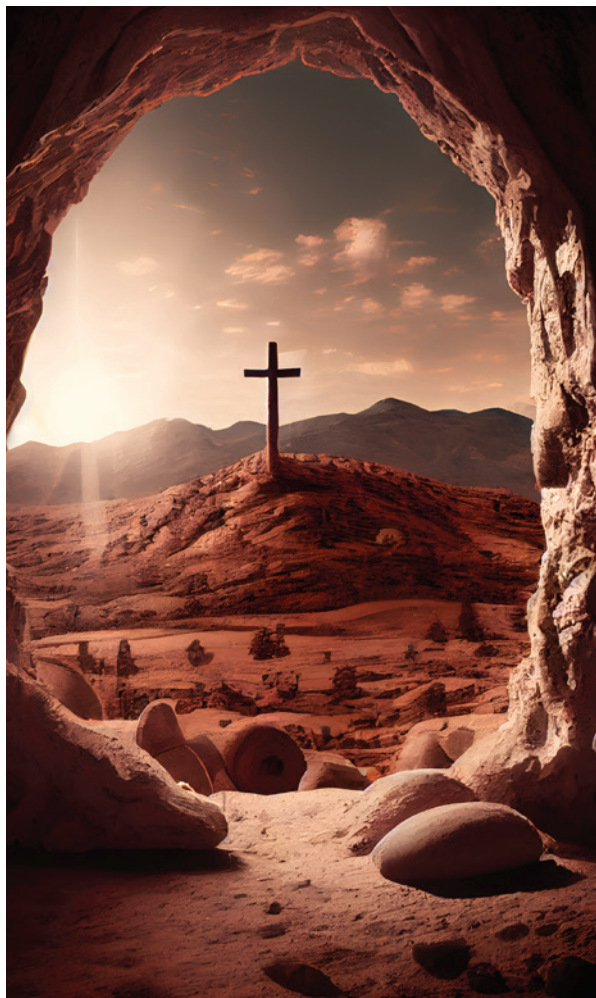
22 Se um homem que ocupa uma posição de autoridade quebrar, sem querer, uma das leis de Deus e for culpado de fazer aquilo que o Senhor, nosso Deus, mandou que não se fizesse, 23 logo que for avisado do pecado que cometeu, ele trará como sua oferta a Deus um bode sem defeito. 24 O homem porá a mão na cabeça do animal e na presença do Senhor o matará no lado norte do altar, onde são mortos os animais que são queimados. Esta é a oferta para tirar o seu pecado. 25 Então o sacerdote molhará o dedo no sangue do animal, e o porá nas pontas do altar onde os animais são queimados, e derramará o resto do sangue na base do altar. 26 Como no caso da oferta de paz, toda a gordura do bode será queimada no altar. Assim, o sacerdote oferecerá o sacrifício para conseguir o perdão de pecados, e o homem será perdoado.

O sacrifício pelos pecados de uma pessoa

27 Se uma pessoa do povo, sem querer, quebrar uma das leis de Deus e for culpada de fazer aquilo que o Senhor proibiu, 28 logo que for avisada de que cometeu o pecado, trará como sua oferta a Deus uma cabra sem defeito, para tirar o pecado que cometeu. 29 A pessoa porá a mão na cabeça do animal e o matará no lado norte do altar, onde são mortos os animais que são queimados em sacrifício. 30 O sacerdote molhará o dedo no sangue do animal, e o porá nas pontas do altar onde os animais são queimados, e derramará o resto do sangue na base do altar. 31 Depois

ele tirará toda a gordura do animal e queimará essa gordura no altar, como costuma fazer com a oferta de paz. O cheiro dessa oferta é agradável a Deus, o Senhor. Assim, o sacerdote oferecerá o sacrifício para conseguir o perdão de pecados, e a pessoa será perdoada.

32 Se uma pessoa trazer uma ovelha como oferta para tirar o seu pecado, o animal deverá ser sem defeito. 33 Essa pessoa porá a mão na cabeça da ovelha e no lado norte do altar, onde são mortos os animais que são queimados, ela matará a ovelha como um sacrifício para tirar o seu pecado. 34 O sacerdote molhará o dedo no sangue da ovelha, e o porá nas pontas do altar onde os animais são queimados, e derramará o resto do sangue na base do altar. 35 Como costuma fazer com a oferta de paz, o sacerdote tirará toda a gordura da ovelha e queimará essa gordura no altar, em cima das ofertas que foram queimadas em sacrifício a Deus, o Senhor. Assim, o sacerdote oferecerá o sacrifício para conseguir o perdão de pecados, e a pessoa será perdoada.





O QUE SIMBOLIZA O CRUZEIRO DAS ALMAS ?

O Cruzeiro das Almas geralmente é encontrado dentro de cemitérios, que na Umbanda chamamos de "Campo Santo" ou "Calunga Pequena". Nesses locais, o Cruzeiro das Almas ficou conhecido como uma grande referência para que as pessoas acendessem velas para iluminar, homenagear e se lembrarem de seus entes desencarnados que foram sepultadas naquele local e fazem isso também para que essas almas sejam encaminhadas e cuidadas pelos espíritos de luz em nome do trabalho de caridade e do amor de Deus.

Para quem já foi à uma "Calunga Pequena" é fácil de identificar o Cruzeiro das Almas, que é simbolizado por uma grandiosa cruz, geralmente de madeira, normalmente localizado bem ao centro do Campo Santo, de fácil acesso e bem visualizado.

Ali naquele lugar temos uma grande força espiritual local onde se trabalha as 13 Almas Benditas, que possuem a função de auxiliar a entrada das Entidades trabalhadoras da Calunga Pequena para o resgate de espíritos desencaminhados, perdidos e viciosos.

Esse é um dos trabalhos mais belos da Umban-

da, pois ao desencarnar, o espírito, por muitas vezes se sente desorientado, perdido, sem saber o que fazer e para onde seguir. Com essa força espiritual acontece essa maravilhosa ajuda à esses espíritos para que busquem o caminho que cada um deve seguir, deixando para trás o apego à matéria, a vida encarnada e aos bens materiais. Como nem tudo são flores, o próprio ser humano faz desse honroso trabalho de luz um falso ritual mistificador para sanar sua ganância, vaidade e sua falta de orientação e informação, pois infelizmente também podemos presenciar em alguns Cruzeiros das Almas alguns ditos trabalhos de ordem negativa, trabalhos esses que não tem ligação nenhuma com a Umbanda, e que muitas pessoas acreditam ter, pois a falta de informação é tão grandiosa que essas pessoas creem que obsessores, como Kiumbas, Eguns e Zombeteiros são Entidades de Luz, e que estão ali a seu bel prazer para fazerem trabalhos de magia negra, porém esses rituais além de estar longe de ser rituais umbandistas, quem o fez não tem o mínimo conhecimento de fatos que estão mexendo, ou da distância dessas crendices para a Umbanda.

A Umbanda é irradiada de luz, e sua ação é de total respeito ao livre-arbítrio de cada um, e definitivamente não se faz nenhum trabalho negativo. O Cruzeiro das Almas é tão importante aos espíritos assim como o ar é fundamental ao encarnado, pois é ele o portal de passagem onde o espírito passa de um plano vibratório para outro, como por exemplo no momento do desencarne, nas passagens de um estado de doença física ou emocional, uma obsessão complexa ou mesmo simples, mágoas, ódios, rancores e todo sentimento de ordem negativa para uma situação de cura, equilíbrio e harmonia. Dentro da Umbanda, em terreiros, centros, ten-

das ou templos, encontramos o Cruzeiro das Almas ou conhecido também por "Cantinho das Almas" e é nesse local que são feitos assentamentos e firmamentos para a proteção da casa e dos médiuns sobre as influências de seres infelizes, Kiumbas, Eguns, Zombeteiros e obsessores de todos os tipos, da mesma forma no qual é feito nas Calungas Pequenas.

Muitas pessoas mal informadas, mistificadores sem orientação, tem o mau costume de dizer que o Cruzeiro das Almas traz má sorte, além de ser um chamariz da morte, contudo isso não passa de crendices de pessoas que veem coisas obscuras até no ar que respiram. É



uma tremenda falta de informação e de respeito com o Cruzeiro, com as Almas e com o Orixá regente desse local, o nosso poderoso Omulú/Obaluaiê.

Para piorar, infelizmente essas colocações não vem apenas de pessoas que estão fora da Umbanda, pois vemos umbandistas consagrados, como Zeladores (pais e mães de santo), e muitos filhos de santo dizerem essas coisas sem fundamento algum, fazendo assim espalhar falsas informações sobre um local tão abençoado e de grande importância para todos nós.

Devemos sempre lembrar que o Cruzeiro das Almas é um magnífico ponto de luz e ao nos dirigirmos a ele devemos proceder como fazemos em qualquer outro campo de força de atuação vibracional dos Orixás, é primordial o respeito, o bom senso e principalmente a elevação da fé.

Para quem frequenta terreiros, centros e tendas de Umbanda com mais frequência, certamente

já passou por um fato no qual muitas pessoas ainda não compreendem o porquê desse acontecimento. Estamos falando de quando um Guia de luz chega até nós, nos entrega uma vela branca, e recomenda que a acenda no Cruzeiro das Almas. A nossa mente nesse momento trabalha de uma forma incessante, nos fazendo crer que possamos estar acompanhados por Eguns, Kiumbas ou algum espírito sofredor, porém nos esquecemos que tal qual na Calunga Pequena, ali é um ponto de transformações inerentes a vibração de Omulú/Obaluaiê, o senhor das Almas e das passagens, e muitas vezes a "vela" não é para os outros que possam estar nos obsediando, mas sim, para nós mesmos, para que assim possamos, com a ajuda de Omulú/Obaluaiê, transmutarmos algo de ruim que ainda não estamos conseguindo sozinhos resolver dentro de nós.

Temos que entender que a cruz, na Umbanda, e

um símbolo de ascensão, da conexão entre a espiritualidade, a matéria física e planos vibratórios transcendentes.

Nos Terreiros sabemos que Omulú/Obaluaiê é o Orixá que rege toda as forças do Cruzeiro das Almas, e as Entidades de Luz que mais fazem uso desses símbolos são os amáveis Pretos Velhos. Podemos notar isso em seus rosários, seus terços, seus pontos riscados que normalmente têm uma cruz ou mesmo o Cruzeiro das Almas desenhados de forma tradicional, demonstrando assim a elevação espiritual que essas Entidades trazem consigo.

O mesmo respeito que devemos ter pelo Cruzeiro das Almas devemos ter pelas Entidades que conduzem esse maravilhoso símbolo, pois como observamos, a cruz, é um símbolo por mais antigo, e os Pretos Velhos são os anciãos da Umbanda. São espíritos velhos, sábios, com tanta elevação que são capazes de transitar em diversos planos sutis da existência. Os terços que carregam consigo trazem a sabedoria de milênios. Quando se é montado um Cruzeiro das Almas em nossas casas de Umbanda, e nela colocamos as imagens de nossos amados vovôs e vovós, seus elementos de trabalho junto as palhas de

Omulú/Obaluaiê, Orixá regente dessas Entidades juntamente com Oxalá, ali estamos estabelecendo um ponto de força energético espiritual dos mais importantes para a humanidade.

Estamos nos conectando com os seres de luz que, em gesto de caridade, emprestam ao terreiro as mais variadas sabedorias e conhecimentos. Não é à toa que Obaluaiê é sinônimo de Evolução e os Pretos Velhos de sabedoria. São os responsáveis por nos nortear, nos conectar nas diversas cruzeiras da existência.

Portanto, para finalizar, devemos ter em mente que o Cruzeiro das Almas é um ponto energético de luz e caridade, que auxilia a nortear os desencarnados e aos encarnados mostra que não devemos nos apegar às crendices, levando o nome santo do Cruzeiro das Almas em colocações errôneas feitas pelo próprio ser humano, ou seja por falta de informação, por mau caratismo, por vaidade, por misticismo.

Devemos respeitar o Cruzeiro das Almas, pois certamente um dia passaremos por ele em busca de um portal de passagem entre o mundo material e o mundo espiritual.

Salve o Cruzeiro das Almas!



Babalórisá Paulo d'Yemonjá

Paí de Santo de Candomblé Ketú

Consultas de Buzios

**Veja como organizar a sua vida para
obter melhores resultados!
Sigilo, honestidade e descrição**

21 259 54 08



93 213 11 77



paulo.ketu@hotmail.com

www.facebook.com/babalorisapaulo.dyemonja

SAÍDA DE YAO

No passado dia 04 de Novembro de 2023, foi com grande alegria que uma omo orisá do Ilé iniciou o primeiro degrau da sua caminhada espiritual, realizando a sua primeira obrigação. Como Agabá do Ilé Asé Opô Alaketu Omin Ogún e Babalorisá da Yaô, bem como em nome de toda a nossa família de Asé, queremos desejar a Vitória d'Osún, que a sua grande Yá a continue a abençoar, proteger e orientar pela sua vida fora. Que Yá Osun seja sempre o seu caminho, tra-

zendo-lhe muitas alegrias, saúde e prosperidade.

Como Bábalorisá da Yaô agradeço também a confiança em mim depositada, assim como ao Otun Orisá do Terreiro Babalorisá Paulo d'Yemonjá

Agradeço também a todos os Omo Orisá pelo empenho e amor ao Santo. Olorun Modupé.

Babalorisa Jomar d'Ogún



Saída de Yaô



SAÍDA DE YAO

No passado dia 02 de Dezembro de 2023 , foi com grande alegria que um omo orisá completou mais um passo na sua caminhada espiritual , realizando o seu ODU ITA. Como Agabá do Ilé Asé Opô Alaketu Omin Ogún e Babalorisá do Yaô, bem como em nome de toda a nossa família de Asé , queremos desejar a Ady Ribas d'Omulu, que o seu grande Baba o continue a abençoar, proteger e orientar pela sua vida fora.
Que Baba Oluayé seja sempre o seu caminho, tra-

zendo-lhe muitas alegrias, saúde e prosperidade. Como Bábalorisá do Yaô agradeço também a confiança em mim depositada, assim como ao Otun Orisá do Terreiro Babalorisá Paulo d'Yemonjá. Agradeço também a todos os Omo Orisá pelo empenho e amor ao Santo.

Olorun Modupé

Babalorisa Jomar d'Ogún



Saída de Yaô





PREVISÕES PARA OS MESES DE DEZEMBRO, MAIO



CARNEIRO

2103 a 2004

No semestre que se avizinha, procure avaliar o seu percurso de vida, em especial a sua carreira, e se esse caminho está de acordo com os seus objetivos. É possível que sinta um decréscimo da sua vitalidade e que as responsabilidades lhe pareçam um fardo demasiado pesado. Não se surpreenda se sentir algumas dificuldades em lidar com pessoas em cargos de poder ou de autoridade.



CARANGUEJO

2106 a 2007

De um modo geral poderá dizer-se que o próximo semestre será de confiança. Um tempo para não desprezar quaisquer propostas inovadoras, que tragam uma lufada de ar fresco à sua vida, tendo, no entanto, em atenção que nestes tempos de mudança não serão aconselhadas atitudes limite, e não deverá ceder ao ímpeto das transformações extremas pois aí poderá encontrar uma fonte de conflitos.



TOURO

2104 a 2005

No próximo semestre será altura para se dedicar a novos projectos ou para expandir um negócio. Conseguirá ter uma perspectiva de vida ampla e sentir-se-á liberto de inibições que impedem o seu desenvolvimento como ser humano. Este é o começo de um novo ciclo de crescimento, com apenas um senão, e só para alguns: poderá haver tendência para o exagero ou para o excesso de optimismo.



LEÃO

2107 a 2008

Neste semestre aproveite para aumentar a sua capacidade de realização. Ao surgir alguma oportunidade que o enriqueça em termos de experiência, não deixe de a aproveitar. Quanto mais longe for, maior capacidade terá no futuro de enfrentar as adversidades. Este período será também favorável para lidar com assuntos legais ou para dar um uso prático a todas as suas formas de criatividade.



GEMEOS

2105 a 2006

Chegou um bom semestre para estruturar e ganhar segurança em várias áreas de vida e de modo a poder enfrentar melhor as adversidades futuras. Poderão sentir-se, em termos de saúde, com maior vitalidade. Contudo, deverão procurar não cometer excessos desnecessários, pois a resistência que adquirirem agora vai ser-lhes útil no futuro. Em alguns casos pode ser um tempo caracterizado por uma grande ambição.



VIRGEM

2108 a 2009

No próximo semestre, a sua mente estará a operar a um nível criativo espantosamente profundo e poderoso. Se tiver alguma relação com as artes, irá trabalhar intensamente. Mesmo que não tenha um envolvimento profissional em qualquer área artística, deve encontrar um canal para exteriorizar esta imensa energia criativa e profunda introspecção mental.



LIBRA **2109 a 2010**

No próximo semestre a sua vitalidade pode ser posta em causa. Alguma insegurança pode derivar de um súbito pessimismo, de um acrescido medo do fracasso ou, ainda, do facto de ser menos bem entendido ou amado. Se efectivamente sentir esta vulnerabilidade, examine as suas relações e carreira; proceda a alterações de acordo com os seus objectivos tendo em conta a felicidade e o sucesso que deseja para si.



CAPRICÓRNIO **2112 a 2001**

No semestre que se avizinha irá provavelmente dar-se conta de que haverá várias coisas que estão a escapar ao seu controlo, poderá sentir que a sua segurança e estabilidade estarão, de uma certa forma, a ser postas em causa e isso poderá provocar-lhe alguns receios, até mesmo uma certa desorientação. Tente adaptar-se às circunstâncias com calma e tranquilidade e poderá, talvez, ganhar o jogo. Não concentre as suas energias na sua própria pessoa, pense também nos outros, ouça as suas ideias e evite comportamentos de conflito.



ESCORPIÃO **2110 a 2011**

Serão de esperar energia e um acréscimo de confiança nas suas capacidades, com fases de pronunciada expansão ao longo deste semestre. Procure que o lado mental, o perfeccionismo, ou o seu sentido crítico não atrapalhem este período criativo. Mais solto e confiante, poderá desenvolver condições para dar maior vitalidade à sua vida afectiva. É também possível que ao longo deste período venha a entender o porquê de uma série de situações passadas e que na altura não compreendeu ou a que não deu qualquer importância.



AQUÁRIO **2101 a 2002**

No próximo semestre aproveite a ocasião e dê prioridade ao trabalho podendo obter algum sucesso se se iniciar no mundo dos negócios com firmeza e empenho. Se já tinha pensado nisso antes, é talvez agora a altura ideal para pôr em prática essas ideias. Sugestões ou conselhos de uma pessoa mais experiente poderão ser-lhe bastante úteis. O seu lado prático estará este ano mais em evidência, e desejará ver os frutos dos projectos que andou a preparar com vistas ao seu aperfeiçoamento profissional.



SAGITÁRIO **2111 a 2012**

Este semestre pode até ser considerado como um começo de um novo ciclo de vida, com novas tendências, mudanças e situações certamente mais gratificantes do que durante os últimos anos. Poderá notar o regresso de uma maior força de realização ou mesmo de um impulso notório para desafios ou conquistas mais amplas. Não será de excluir a hipótese de alguma remodelação profissional.



PEIXES **2101 a 2002**

Neste semestre irão surgir possivelmente atritos por causa de questões materiais, ou do dia-a-dia, devido ao seu comportamento precipitado ou ao das outras pessoas. Em algumas semanas sentir-se-á muito impaciente e poderá mesmo desejar fazer o contrário daquilo que todas as pessoas o aconselham a fazer. Em casos limite não serão de excluir separações temporárias. Ao longo deste processo é natural que venha a sentir, na sua vida, uma maior presença da "mão do destino".





VIVA ALÉGRE, COMA SAUDÁVEL!



MOUSSE DE ANANÁS FRESCA

Ingredientes

1 ananás fresco
100 g de açúcar
80 g de farinha
3 Ovos

INSTRUÇÕES DE PREPARAÇÃO

Descasque o ananás, corte-o ao meio, rejeite-lhe a parte mais dura do meio, corte-o em pedaços e reduza a puré na picadora.

Deite as gemas para uma tigela, junte 50 g do açúcar, mexa bem, adicione a farinha, misture, junte o puré de ananás e mexa novamente. Deite esta mistura para um tacho e leve ao lume, mexendo até ferver. Retire do lume, deite para uma tigela e deixe arrefecer.

Bata as claras em castelo e adicione os restantes 50 g de açúcar, aos poucos, batendo até ficarem firmes. Junte-as ao preparado anterior, envolva delicadamente, deite numa taça e leve ao frio até ficar bem fresco.



EBÓ | OFERENDA

Fazer um oberó de pipoca.

Passar a pipoca entre mãos por épó pupá, entregando no assentamento ou no mato numa árvore em crescimento, agradecendo e pedindo a Pai Obaluayé saúde para o corpo e para tudo o que a sua vida precisa.



INVOCAÇÃO

**Pai Obaluaye:
Rei e Senhor da terra,
onde todas as raízes
se alimentam, saciai-
nos de tudo o que o ser
humano precisa para
crescer feliz!**



A CABAÇA

A cabaça é um fruto vegetal com larga utilização no Candomblé. É o fruto da cabaceira. Inteira, é denominada cabaça; cortada, é cuia ou Coité; e as maiores são denominadas cumbucas. Nos ritos do Candomblé, sua utilização é ampla, tomando nomes diferentes de acordo com o seu uso, ou pela forma como é cortada. Os iorubás, como todos os outros povos, aproveitavam as igbá [cabaças] como vasilhas para uso doméstico e ritualístico. As cabaças, dependendo do seu uso, recebiam nomes diferentes:

A cabaça inteira é denominada Àkèrègbè, a cortada em forma de cuia toma o nome de Igbá. A cortada em forma de prato é o Igbájé, ou seja, o recipiente para a comida; a cortada acima do meio, forma uma vasilha com tampa, tomando o nome de Igbase ou cuia do Àse, e é utilizada para colocar os símbolos do poder após a obrigação de sete anos de uma Iyàwó como a tesoura, navalha, búzios, contas, folhas, etc. que permitirão à pessoa ter o seu próprio Candomblé. Ado

– cabaças minúsculas são colocadas no Sàsàrà de Omolu, como depósito de seus remédios. No Ógô de Èsù, uma representação do falo masculino, as cabaças representam os testículos.

Usa-se uma das partes da cabaça cortada ao meio, e colocada na cabeça das pessoas a serem iniciadas e que não podem ser raspadas por serem Àbikú, para nela serem feitas as obrigações necessárias. Com o corte ao comprido, torna-se uma vasilha com um cabo, chamada de cuia do Ipadé e serve para colher o material de oferecimento ou para colher as águas do banho de folhas maceradas. Inteira e revestida de uma rede de malha será o Agbè, instrumento musical usado pelos Ogans, durante os toques e cânticos. Uma cabaça com o pescoço comprido em forma de chocalho é agitada com as suas sementes, fazendo assim o som do Séré, forma reduzida de Sèkèrè, instrumento por excelência de Sàngó. A cabaça inteira em tamanho grande substitui nos ritos de Àsèsè, a cabeça de uma pessoa que mor-



reu e que por alguns fatores não é possível realizar as obrigações de tirar o Òsu. Por fim, pode ser lembrado que a cabaça cortada em forma de vasilha com tampa é conhecida como Igbádu, a cabaça da existência e contém os símbolos dos quatro principais Odù: Éjì, Ogbè, Òyekú Méjì, Iwòrì Méjì e Òdí Méjì.

1 Akèrègbè – cabaça de bom tamanho [30 a 50 cm], servindo como vasilha para líquidos;

2 Igbá cabaça cortada em forma de cuia. IGBÀ = assentamento de Orixá; panela onde se guardam os objetos sagrados dos deuses e se faz o sacrifício;

3 Iba-jé – cabaça cortada em forma de prato. Recipiente para a comida;

4 IGBASE – Cabaça cortada acima do meio, formando uma vasilha com tampa;

5 Ádo – pequena cabaça utilizada para armazenar pós ou remédios. É aquela que se vê nas figuras de Exu, Osaniyn e Obaluaiye;

6 Cabaça cortada ao meio;

7 Cabaça do Ipadê;

8 Agbé – Inteira e revestida de uma rede; Xequerê instrumento musical.

9 Sére – cabaça com um longo e fino pescoço. Quando cortada ao meio, serve como uma concha. Quando inteira, serve como chocalho ritualístico para anunciar Xangô, sendo chamada então de SÉRÉ Sàngo;

10 Cabaça Inteira;

11 Igbadu;

12 Ahá – pequena cabaça servindo como copo ou xícara para tomar remédios e bebidas;

13 Ató – cabaça pequena e comprida, utilizada para guardar remédios;

14 Pòko – ou a metade superior ou a inferior de uma cabaça de forma oval;

15 Igbá kòtò – cabaça larga e alta, usada para guardar Èko [um bolo de milho] quente. Tem uma tampa que pode ser usada como funil;

16 Koto – cabaça grande e larga, semelhante a um cesto .





PICÃO-DA-PRAIA ou ARNICA-DO-MATO

Apesar do nome bastante semelhante aos de outras espécies da família das Asteraceae, o picão da praia é uma planta que possui características e propriedades medicinais próprias.

Seu nome científico é *Sphagneticola trilobata* e possui outras sinônimas botânicas como: *Sphagneticola trilobata* / *Wedelia trilobata* / *Wedelia paludosa* / *Acmella brasiliense*.

O picão da praia também é popularmente conhecida com os nomes de arnica-do-mato, vadélia, vedélia, mal-me-quer, malmequer-do-brejo e cura-tombo.

Como o próprio nome sugere, essa espécie é encontrada facilmente em áreas litorâneas no Brasil e abundante na nossa região.

É uma planta perene, rasteira, com caules peludos e avermelhados e folhas verdes ovadas, recortadas e opostas no ramo. As flores do picão da praia chamam bastante atenção, devido à cor amarelo vibrante que são frequentes na parte extrema dos ramos.

Toxicidade:

É uma planta que não apresenta toxicidade no

uso interno nem na aplicação tópica.

Propriedades medicinais e indicações:

Entre as propriedades curativas que o Picão da praia apresenta, podemos citar suas ações: tônica, antiinflamatória, antioxidante, antinevrálgica, antinociceptiva, anti-reumática, febrífuga, diaforética, diurética, anti-leucorreica. Por isso ela pode ser usada no processo de tratamento e cura de várias doenças, seja com características mais graves ou amenas:

ANTIOXIDANTE - os extratos das folhas tem ação antioxidante comparável à da Vitamina C.

ANTI-INFLAMATÓRIO – Ela tem uma potente ação anti-inflamatória tópica. O ácido caurenóico, um dos princípios ativos, teve forte ação analgésica em casos inflamatórios. Diversos estudos, entre eles um realizado pela UNIVALI, onde foram preparados diversos medicamentos de uso tópico como pomada, gel... teve sua ação anti-inflamatória confirmada. Sendo eficaz nos tratamentos de ciático, dores articulares, hérnia de disco...

ANALGÉSICO – os extratos reduzem perto de 50% a sensação nociceptiva, inibindo ocitocina e reduzindo a sensibilidade à dor com resultados muito parecidos com vários medicamentos convencionais, como aspirina, indometacina e dipirona.

BACTERICIDA – inibiu o desenvolvimento de vários tipos de bactérias que causam infecções em humanos. Outros estudos revelam que os extratos das flores também tem potente ação inibidora de várias bactérias causadoras de patologias humanas. Podendo ser utilizada em ferimentos e infecções de pele.

ANTIFÚNGICO – o óleo essencial do Picão da praia tem relevante ação no controle da Candidíase. Apresenta ação antifúngica relevante em alguns tipos de fungos e indicada para tratar micoses, frieiras, panos brancos.

VERMÍFUGO – O extrato das folhas testado em laboratório contra diversos tipos de vermes causou a morte dos vermes na metade do tempo que o medicamento convencional Albendazol.

CICATRIZANTE – capacidade de melhorar a cicatrização de feridas aumentando a concentração de fibroblastos e evitando o estresse oxidativo na área lesionada.

FÍGADO – como protetor hepático contra o paracetamol, foi capaz de inibir os danos, a inflamação, a necrose do fígado e a morte dos animais do teste.

ESTÔMAGO – inibe a formação de úlceras gástricas.

INSETICIDA – pesquisas revelam uma ação eficiente contra a mosca-branca. E em outros testes, demonstrou potente ação contra larvas de carrapato e contra pulgões, com excelentes resultados.

LEISHMANIOSE – O ácido caurenico, um dos princípios ativos do picão-da-praia causou redução de até 70% das feridas nos animais do teste.

DIABETES – apesar de o picão da praia ser popularmente utilizado para tratar diabetes, ainda existem poucas pesquisas para este fim. Uma pesquisa Tailandesa aponta uma ação eficiente em reduzir a glicemia, mesmo sem a presença das células beta-pancreáticas funcionais.

Lembrando sempre que, as informações contidas nessa coluna têm caráter informativo, portanto não são utilizadas para auto-diagnóstico, auto-tratamento ou auto-medicação. É de extrema importância que você converse com o profissional de saúde que te acompanha sobre a possibilidade de incluir as plantas medicinais no seu tratamento e nenhum tratamento médico ou uso de medicação química deve ser interrompido ou substituído abruptamente pelo uso de plantas medicinais. Crianças, idosos e gestantes exigem cuidados e dosagens específicas sob algumas plantas. Consulte sempre um profissional da área.





DEBURÙ, PIPOCA: A FLOR DO VELHO



Reginaldo Prandi (2001), Ildásio Tavares (2000), Edison Carneiro (1991b) e tantos outros autores afirmaram que o deburù, a pipoca ou a flor do velho está entre as comidas de Omolu.

Para além das preferências do orixá é, com certeza, a mais representativa, aparecendo, seja de forma ritualística ou meramente estética em diversos momentos do cotidiano da Cidade do Salvador. As pipocas aparecem desde as comemorações religiosas, em momentos de fé e em diversas festividades, para garantir a paz, os bons fluidos ou, simplesmente, embelezando cenas e cenários artísticos, afim de conferir-lhes graus mais verossímeis de afro-brasilidade. Portanto, as pipocas podem compor cenas sagradas, durante as limpezas espirituais, por exemplo, como podem se restringir a confirmar estéticas, que reproduzem a mitologia afro-brasileira. Antes da existência das pipoqueiras elétricas, a flor do velho era aberta, digo preparada, torrada em uma panela com areia branca. Obrigatoriamente sem gorduras de quaisquer espécies, a flor do velho abria com a temperatura correta em meio à límpida areia branca, a correta fertilidade para o germinar. O cuidado

seguinte consistia em deixar a pipoca adequadamente livre da areia, para o consumo do orixá e também das pessoas. A expertise da cozinheira era comprovada com o uso adequado de uma grande peneira feita de palha, na qual as pipocas eram despejadas.

Por mãos ágeis, o deburù era jogado para cima, levando consigo parte da areia, que se perdia, e outra parte era dispensada por entre os poros da peneira. Através da correta repetição deste ritual, a flor do velho era aparada, ficava limpa e, ainda hoje, deve ser servida sem sal. A pipoqueira elétrica facilita o trabalho e não retira o Axé, a energia sagrada, embora haja quem prefira preservar o jeito tradicional de torrar a flor do velho. Para servir ao orixá, deve-se acrescentar tiras de coco seco. O pulular das pipocas na panela, e depois nas peneiras, traz uma imagem bem propícia de Obaluaê. Ainda pode ser vista, mesmo com a opressão etnocêntrica de alguns vieses do cristianismo, conforme explicitado, em ruas da Cidade da Baía de Todos os Santos, por ocasião de algum festejo afro-brasileiro, flores do velho, sendo “coreograficamente” lançadas nas ruas, numa eviden-

te simbologia de desejos para abrir os caminhos, retirar as energias negativas, tornando a caminhada positiva. Cenas parecidas de uma coreografia sem planejamentos acontecem em outros rituais de limpeza espiritual, destinados a curar doenças ou a fazer com que os médicos consigam ver melhor a enfermidade e ofereçam o tratamento adequado.

Em uma anamnese coletada em uma matéria feita pelo soteropolitano jornal *A Tarde*, publicada em 17 de agosto de 2008, o bancário André Fernandes, na época com 36 anos de idade, informou que há 29 anos seguia o ritual do banho de pipoca. “Ele conta que virou devoto de São Lázaro depois que ficou curado das crises de convulsões que nenhum médico soube diagnosticar” (BRITO, 2008, p.13). “Fui em vários médicos e nenhum deles resolveu o meu problema. Um médico espírita indicou a minha mãe que me trouxesse aqui para tomar um banho de pipoca e eu fiquei curado” (FERNANDES, 2008, p. 13), complementa o depoente.

Apesar do ritual realizado pertencer a Omolu e a religiões afro-brasileiras, a indicação para a cura foi de um médico espírita, confirmando a tese candomblecista de que, às vezes, é preciso fazer um ebó para os médicos verem a doença e a cura. Não é sabido se o médico era kardecista, de outra linha do espiritismo ou se, realmente, era espírita; muitas vezes, para evitar constrangimentos racistas, não se admite a vinculação afro-brasileira. As convulsões, que afetavam o depoente, possuíam outra carga semântica, quando comparadas a uma das formas de incorporação de Obaluê/Omolu. Ao manifestar-se em um de seus filhos, Obaluê/Omolu, em determinados momentos,

gesticula com os braços ora dobrados, ora não e com as mãos tortuosas e trêmulas, lembrando convulsões típicas de epiléticos. Diversas narrativas do povo de axé dão conta de pessoas não iniciadas, por vezes de famílias pertencentes a outras tradições religiosas que, por desconhecimento, entenderam as manifestações ou incorporações espirituais de Omolu como ataques epiléticos. Há situações nas quais as pessoas são equivocadamente tratadas com remédios da farmacologia tradicional para conter as convulsões, sem sucesso, até que sejam indicadas para a realização de procedimentos no candomblé ou em outra religião afro-brasileira, necessitando, em alguns casos, da iniciação completa, tornando-se um membro da religião afro-brasileira.

A fixidez do estereótipo determina que, sendo de origem negra, passa a ser malévolo todo e qualquer significado. Destarte, preferir a orientação espiritual de um médico ou substituir o nome de Omolu e Obaluê por São Lázaro ou São Roque não consegue eliminar o conteúdo afro-brasileiro, os rituais de limpeza com o deburù. Para marcar bem sua posição, despossuído de alteridade positiva, quando o direito à diferença seria respeitado sem segregações (CHAUI, 1993), um entrevistado, também em *A Tarde*, 17 de agosto de 1979, declarou que não iria chamar São Roque pelo apelido de Obaluê. O entrevistado disse que frequentava a igreja e o candomblé, mas que a preferência por chamar de São Roque devia-se ao fato de o Santo ter sido um servo de Deus. Resta saber se a cura com elementos próprios do candomblé, a exemplo do deburù, seria dádiva do que ele acredita ser o substantivo próprio e legítimo, com letra maiúscula, ou do que ele diz ser um apelido. A



hierarquização da fé coloca a representação cristã como superior, prioritária.

Essa preferência pelo discurso e pela nomeação referente à cultura não-negra é fruto da naturalização do racismo. David Brookshaw (1983) discute o quanto é mais confortável para negros, considerados esteticamente mulatos, assumirem seus arquétipos mais aproximados ao branco, como uma maneira de amenizar o sofrimento proporcionado pelo racismo e facilitar possibilidades de ascensão social. Exemplo parecido traz Júlio Braga (1995), ao discutir, em Gamela do Feitiço, o imbróglio entre Jorge Amado e o sacerdote Severiano. Resumidamente, a confusão se deu por Severiano Manoel de Abreu ter se sentido ofendido por terem associado seu caboclo Jubiabá ao personagem Jubiabá do romance homônimo.

Severiano era o líder espiritual de uma casa religiosa que tinha características negras, ameríndias e cristãs. Certamente, [...] uma forma diferente de

crença, mas a expressão viva do redimensionamento da religião africana na Bahia. Com eles e através deles, elementos do espiritismo popular da linha Alan Kardeck e outras oriundos das culturas indígenas contactadas se inter cruzam com os de origem africana para produzirem a expressão mais abasileirada dos candomblés, o denominado candomblé de caboclo (BRAGA, 1995, p. 90).

A partir da análise do conceituado antropólogo Júlio Braga, pode-se entender que os discursos dos depoentes de A Tarde, ora carregados do exercício da alteridade positiva, quando o direito à diferença é exercido sem segregar o outro, ora por alteridade negativa, denunciam formas abasileiradas de cultura Omolu, em um misto de aceitação e rejeição. Fruto da opressão racista, o negar-se negro, total ou parcialmente, inclui a assunção de outras formas religiosas diferentes do candomblé e de demais religiões afro-brasileiras com melhores aceitações sociais. Abrem-se parênteses para



a umbanda, com seu viés assumidamente branco, kardecista e judaico-cristão, sem se aprofundar na questão. Entretanto, aliados são conseguidos, seja o médico, que indicou ao bancário o banho de pipoca, ou o que compunha as sessões mediúnicas na casa de Severiano Manoel de Abreu.

Se a pipoca é um dos alimentos ofertados ao médico dos pobres e dos orixás, portanto alimentando sua energia sagrada, ela é também uma espécie de esponja espiritual, tal seu dono, Omolu. Tavares (2000) chama atenção para os poderes curativos de Omolu, atraindo para si as energias negativas e livrando o enfermo dos males, independente de pertencimento social e identitário. A forma como Omolu cura lembra o devir ativo nietzscheano, transmutando energias negativas em energias positivas (NIETZSCHE, 1999). Os rituais de limpeza espiritual também são chamados de rituais de descarrego, e podem ser realizados com diversos elementos representativos dos orixás, inclusive com a pipoca.

Dentre os procedimentos ritualísticos para curas espirituais, conhecidos e praticados livremente,

sem orientações sacerdotais, por não iniciados e ou apenas curiosos, o banho de pipoca ocupa lugar de destaque, como se vê na indicação do médico espírita. Nem todos sabem da exigência de torrar o milho para transformar em pipoca, sem a gordura e, hoje, aos que sabem da exigência, oferece-se a facilidade da pipoqueira elétrica, a tradição se transforma e mantém sua energia sagrada. Até mesmo nas manifestações do sincretismo religioso, a devoção do catolicismo popular baiano a São Lázaro e a São Roque inclui a pipoca como forma de homenagem e purificação. Diante da Igreja de São Lázaro, na capital baiana, as pipocas de Omolu são, também, pipocas de São Lázaro e de São Roque, ritualisticamente passadas nos corpos dos fiéis por iniciadas no candomblé e outras religiões afrobrasileiras, às segundas-feiras. O dia da semana dedicado a Omolu é o mesmo dedicado a Exu, aos ancestrais e, no Ilê Axé Opô Afonjá, a Ogum, que recebe as homenagens da semana às terças-feiras em outros terreiros de candomblé. Mesmo os rituais de purificação sendo feitos na porta da igreja, pela inexistência de permissão



para realizar dentro da igreja, é representativo que aconteça na rua, afinal, Omolu - assim como Exu e Ogum - é orixá que reina nos caminhos, nas ruas. Omolu, ainda menino, viveu por muito tempo a dormir nas ruas e nas matas (PRANDI, 2001), até ficar habilitado para realizar curas. Os processos de descarrego com a flor no velho incluem a conexão com uma árvore sagrada na porta da igreja. Os iniciados no candomblé utilizam a árvore como uma espécie de repositório energético, na qual são depositadas pipocas já utilizadas para as limpezas. Em 03 de janeiro de 1984, A Tarde informou que

Muitas pessoas fizeram uma trilha, jogando pipoca desde a entrada de São Lázaro, onde tem uma 'árvore sagrada', até a igreja, onde de joelhos, agradeciam a graça alcançada.

Outras levavam flores, colocavam no altar e rezavam contritas, como Mariana Assunção que, mesmo não querendo dizer quanto gastou, deixou clara a devoção que tem por São Lázaro, que lhe concedeu uma graça especial.

A relação de Omolu com as árvores é muito conhecida, pois demonstra a ligação com a terra.

Todas as pessoas iniciadas em Obaluaê/Omolu possuem em seu nome iniciático a palavra Iji, que significa árvore, as vezes pronunciado apenas ji. A inclusão da árvore no ritual de cura na porta da igreja de São Lázaro referenda mais a existência da fé e da cura através de Omolu.

Apesar das formas disfarçadas do racismo religioso, a fé em Omolu/Obaluaê é nos santos católicos parecem conviver com alguma tolerância. Entretanto, em 17 de agosto de 1979 o padre da igreja de São Lázaro falou ao Jornal A Tarde sua contrariedade em relação ao sincretismo religioso e declarou proibição das pipocas dentro do templo católico. Posição contrária ou de melhor aproximação foi tomada por outro pároco da mesma igreja em 2008, inserindo atabaques na missa e congregando músicas católicas com a percussão sagrada afro-brasileira. Na entrevista dada ao citado veículo de comunicação em 17 de agosto de 2008, o pároco Rosivaldo Mota (2008) afirma: "Fizemos uma pesquisa e constatamos que 99% dos devotos eram a favor da mudança. Estamos na Bahia e é importante aderir às duas culturas. É uma união mais que justa, já que foram os escravos adeptos do candomblé que construíram essa igreja".

Mesmo tendo o 16 de agosto como dia maior de homenagens a São Lázaro/Omolu/Obaluaê costuma-se, na Bahia, lotar a igreja do mencionado santo na última e na primeira segunda-feira do ano. Na oportunidade, as flores do velho são utilizadas para garantir, aos que se submetem aos rituais de purificação, um ano com energias positivas. Percebe-se, então, mais uma vez, a oferenda feita antes da dádiva.

*Texto original em Português do Brasil,
da autoria de GILDECI DE OLIVEIRA LEITE*

AGORA ON-LINE





ENCONTRE AQUILO QUE PRECISA!

CASA DE OGUN - Hipermercado Nº1 em comércio de produtos de Candomblé, Umbanda, Esotericos e Espiritualidade, abriu no Laranjeiro-Almada, para Portugal e toda a Europa!!! Na CASA DE OGUN, encontra todos os artigos de fundamento e de Axé, que precisa! Para além de outras e muitas coisas, temos: roupas de santo e para Orixá por medida, Ferramentas de Orixá, búzios, sementes, favas, waji, ori, ékódidès, penas africanas, fios de contas para os seus Orixás, kélés, pembas, bradjás, missangas, firmas, ótás, ibás para assentamento, banhos de ervas vários, etc...

ACONSELHAMENTOS e **SIMPATIA** de pessoas experientes!

PREÇOS IMBATÍVEIS! (PREÇOS ESPECIAIS PARA TERREIROS)!

CASA DE OGUN - O ponto de encontro dos Pais e Mães de Santo, Profissionais Esotéricos e Público em geral!

CASA DE OGUN - Está registada na FENACAB (MAT:001) CASA RECOMENDADA

Horário: Segunda a Sábado das 10:00h às 19:00h (Abertos à hora de Almoço) e aos Sábados, estamos abertos até às 17:00!

casa de 
OGUN

COMÉRCIO DE PRODUTOS DE
CANDOMBLÉ, UMBANDA, ESPIRITUALIDADE E ESOTÉRICOS

Alameda Guerra Junqueiro, 34 - Laranjeiro
2810-072 Almada (Perto do Millenium, BANIF e estação de metro S. Gedeão)

Tel: 21 259 54 08 | TM: 96 634 00 55

E-mail: casadeogun@gmail.com

casadeogun_lojaonline@hotmail.com

<http://www.casadeogunlojaonline.com>